

DO CORPO

PARTE I



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ÁTVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Coleção Fausto Castilho de Filosofia

Série Multilíngues

Comissão Editorial

Coordenadores

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES – OSWALDO GIACOIA JUNIOR

DANIEL GARBER – FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

GIULIA BELGIOIOSO – MARCOS STEFANI

Thomas Hobbes

DO CORPO

PARTE I

CÁLCULO OU LÓGICA

Edição em latim e português

Tradução e notas

Maria Isabel Limongi
Vivianne de Castilho Moreira

Coleção Multilíngues de Filosofia Unicamp

Série A

Hobberiana I

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

H652d Hobbes, Thomas.
Do corpo – Parte I: Cálculo ou lógica / Thomas Hobbes; tradução e notas: Maria Isabel Limongi,
Vivianne de Moreira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

1. Hobbes, Thomas, 1588-1679. 2. Silogismo 3. Lógica. 4. Filosofia – Metodologia. I. Limongi, Maria Isabel. II. Moreira, Vivianne de Castilho. III. Título.

ISBN 978-85-268-0866-9

CDD 166
160
192

Índices para catálogo sistemático:

1. Silogismo	166
2. Lógica	160
3. Filosofia – Metodologia	192

Título original: De Corpore

Copyright da tradução © Maria Isabel Limongi
Vivianne de Castilho Moreira

Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2020

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste material são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Nota prévia.....	7
Ao leitor.....	13
I Da filosofia.....	17
II Dos vocábulos.....	37
III Da proposição.....	67
IV Do silogismo.....	93
V Do erro, da falsidade e das capciosidades.....	113
VI Do método.....	131

NOTA PRÉVIA

A história das publicações do *De Corpore* foi reconstituída por Karl Schuhmann e Martine Pécharman na introdução à sua primeira edição crítica, publicada por Schuhmann em 1999, em Paris, pela Vrin. A primeira edição, que Hobbes provavelmente terminou de escrever em 1653, após seu retorno a Londres, findo o seu período de exílio na França, data de 1655, e sua história, cheia de percalços, é só o começo de uma longa e tortuosa história, da qual brota uma série de dificuldades para o estabelecimento do texto.

A primeira edição começou a ser impressa em 1654, em Londres, por Andrew Crooke, mas sua impressão foi logo interrompida, em função das críticas dos matemáticos de Oxford, notadamente Ward e Wallis, ao capítulo XX da obra, ao qual eles tiveram acesso mal os cadernos saíram do prelo, antes mesmo do término da impressão da obra em sua totalidade. Tamanha ansiedade para ler e criticar uma obra ainda em processo de impressão se explica, de um lado, pelo conteúdo desse capítulo em particular, em que Hobbes propõe uma solução para o problema da quadratura do círculo, o que, segundo as suspeitas bem fundadas das autoridades de Oxford, parecia e de fato se mostrou ser uma pretensão desmesurada para os conhecimentos matemáticos do nosso autor; e, de outro, por uma certa implicância para com o autor do *Leviathan*, que, desde a sua publicação em 1651, em função de suas teses controversas em meio a uma Inglaterra politicamente conturbada, trouxera uma certa má fama para Hobbes, má

fama que Ward e Wallis se empenharam em intensificar, no que se pode entender como um projeto político de difamação de Hobbes.

Em função dessas críticas, Hobbes suspendeu a impressão do *De Corpore*, a qual foi retomada em 1655, com uma nova versão dos capítulos XVI e XX. Tendo, porém, logo percebido que sua nova solução para o problema espinhoso de que se propusera a tratar tampouco era satisfatória, Hobbes acrescentou à versão já impressa uma nota em que se declara sabedor disso, tendo, no entanto, preferido deixá-la daquele modo para não tardar ainda mais a impressão da obra. Seus críticos não perdoaram essa hesitação. Ainda em 1655, Wallis publica o seu *Elenchus Geometriae Hobbianae* e, no ano seguinte, sai a *Exercitatio Epistolica* de Ward, obras em que a matemática do *De Corpore* é duramente atacada, por vezes de modo ofensivo para com seu autor.

Sua reputação estava em questão e Hobbes não podia deixar seus críticos sem resposta. A oportunidade da réplica veio com a publicação, em 1656, da tradução inglesa do *De Corpore*, prevista desde o momento da publicação do texto latino. Tal tradução foi publicada acompanhada do texto *Six lessons to the professors of Mathematicks of the institution of Sir Henry Savile, in the university of Oxford*, no qual Hobbes rebate as críticas de Wallis e Ward.

A tradução é anônima. Um aviso ao leitor indica que ela foi revista por Hobbes. Mas é evidente que Hobbes não apenas a reviu (tendo, contudo, deixado passar alguns erros e falhas de tradução), como por vezes interveio diretamente no texto, modificando-o em função das críticas que recebera, como declara em *Six lessons*. Assim, o capítulo XVIII e o malfadado capítulo XX encontram-se quase inteiramente modificados em relação à edição latina. Restam dúvidas, porém, sobre o grau de participação de Hobbes no texto inglês, e, para além dos capítulos citados, em que passagens precisamente ela se deu. Não obstante, é certo que o *Concerning Body* faz parte da história da escritura/edição do *De Corpore* e deve ser levado em conta pelos estudiosos da obra. Daí por que Schuhmann tenha acrescentado à sua edição crítica uma série de apêndices em que o texto inglês é reproduzido, sempre que este lhe pareceu expressar melhor as intenções de Hobbes no que diz respeito a uma versão definitiva da obra, já que nenhuma das edições conhecidas, publicadas durante a vida de Hobbes, pode aspirar sem reservas a esse título.

Que Hobbes sonhasse com uma nova edição latina do *De Corpore*, incorporando as modificações introduzidas pela versão inglesa, é o que fica claro com a publicação em 1660, em Londres, também por Crooke, da obra *Examinatio et emendatio*, na qual Hobbes sai mais uma vez em defesa do *De Corpore*, criticando a *Opera Mathematica* de Wallis. Uma lista de correções ao *De Corpore*, tomadas, segundo uma declaração de Hobbes, da edição inglesa, é acrescentada ao final do livro, ainda que, nessa lista, as modificações introduzidas pelo texto em inglês em relação ao original latino não sejam observadas de modo regular.

A esperada segunda edição do texto latino só saiu, porém, em 1668, por iniciativa de Sorbière, fiel amigo de Hobbes, que conseguiu a publicação em Amsterdam da sua *Opera Philosophica, quae latine scripsit*, na qual, pela primeira vez, Hobbes conseguiu reunir os elementos do seu sistema, publicando conjuntamente e em ordem o *De Corpore*, o *De Homine* e o *De Cive*, além de outros textos, incluindo uma versão latina do *Leviathan*. Essa edição do *De Corpore* tomou por base a edição de 1655, nem sempre respeitando as melhoras introduzidas pela versão inglesa e indicadas em *Six lessons*, nem as correções indicadas na errata que acompanhou a edição de 1655. Algumas correções gramaticais e de impressão foram introduzidas, provavelmente por parte de revisores e não pela mão de Hobbes. Mas é certo que Hobbes tomou parte nessa edição, tendo em vista que ela incorpora algumas modificações da edição inglesa e as correções propostas na *Ementatio*, além de trazer uma terceira versão dos capítulos XX e XXVI.¹⁰, sem precedentes nas edições anteriores.

Essas três edições — a do texto latino em 1655, a do texto inglês em 1656 e a da nova versão latina em 1668 — completam o conjunto das edições do *De Corpore* ocorridas durante a vida de Hobbes, que contaram com a participação do autor. A estas, acrescenta-se um conjunto bastante modesto de edições póstumas: (1) as edições, publicadas em 1839, em Londres, das versões latina e inglesa, por parte de Molesworth, que reuniu e publicou o que na época se conhecia das obras completas de Hobbes em latim e em inglês, reimpressas em 1962 e 1966; (2) a já citada edição crítica de Schuhmann do texto latino, de 1999; e (3) algumas traduções modernas do texto latino feitas a partir da edição de Molesworth, para o inglês (apenas da parte I), para o espanhol e para o italiano.

A presente tradução para o português da parte I do *De Corpore* toma por base, por razões que dizem respeito à maior facilidade de reprodução

do texto latino, a edição de Molesworth, que consta no primeiro volume da *Opera philosophica quae latine scripsit*, publicada em Londres em 1839 e reimpressa em Aalen, em 1962 e 1966. Essa edição, por sua vez, se fez a partir da edição de 1668, a qual Molesworth corrigiu em seus erros gramaticais e tipográficos, uniformizou e modernizou a ortografia. A edição de 1668 é sem dúvida, levando em conta as peripécias da publicação do *De Corpore* narradas acima, aquela da qual se deve partir, sendo também aquela adotada por Schuhmann como o texto de base de sua edição crítica. À diferença de Molesworth, contudo, Schuhmann não adota a edição de 1668 sem ressalvas, na medida em que ela ignora, provavelmente em função da idade avançada de Hobbes, algumas mudanças significativas da edição inglesa e da errata da edição de 1655. Além disso, Schuhmann levou em conta manuscritos contendo versões mais antigas do *De Corpore*, ainda não descobertos na época da edição de Molesworth, aos quais se refere no seu aparato crítico.

No que diz respeito aos capítulos aqui traduzidos, para os fins da tradução, a adoção da edição de Molesworth no lugar da edição de Schuhmann, sempre consultada, não traz prejuízo. Tais capítulos remontam às versões mais antigas do *De Corpore*, datadas de 1638/1639 (de acordo com os manuscritos acima citados), e apenas o capítulo VI se afasta significativamente delas, tendo sido reescrito em 1653, em função de alterações, no momento da escritura da versão final do texto, na ordem de exposição das matérias, à qual se faz referência nesse capítulo. Além disso, esses capítulos foram poupados do processo de sucessivas escrituras narrado acima. Eles compõem, assim, uma parte mais estável da obra. Ainda assim, dado que não se pode ignorar a importância do trabalho de Schuhmann, indicaram-se nas notas de tradução as diferenças da sua edição em relação à de Molesworth, sempre que relevantes à tradução.

Esta tradução não teria saído não fossem o trabalho, o incentivo e a insistência de José Oscar de Almeida Marques, que, ciente da necessidade de dispormos de uma tradução do *De Corpore*, tomou a iniciativa de preparar uma tradução da parte I a partir do texto inglês, por ele publicada nos *Cadernos de Tradução* da Unicamp, lançando-me a partir daí o desafio de traduzir os capítulos correspondentes a partir do latim. Foi assim que convidei minha colega Vivianne de Castilho Moreira para me ajudar nessa tarefa que, sozinha, não poderia levar a cabo. O resultado é este que aqui se apresenta. Teria sido desejável, sem dúvida, traduzir

NOTA PRÉVIA

o *De Corpore* inteiro. Mas sabíamos que esse projeto nos levaria a adiar, talvez para sempre, a disponibilização do trabalho já feito, o que seria uma pena, já que a lógica do *De Corpore*, não menos que a obra em sua totalidade, merece divulgação. Registre-se que as soluções de tradução de José Oscar a partir do inglês nos foram muito úteis.

Maria Isabel Limongi

AD LECTOREM.

PHILOSOPHIAM, cujus elementa hic aggredior ordinare, noli credere eam esse, amice lector, per quam fiunt lapides philosophici, neque illam quam ostentant codices metaphysici; sed rationem humanam naturalem per omnes res creatas sedulo volitantem, et de earum ordine, causis et effectibus ea quæ vera sunt renuntiantem. Mentis ergo tuæ et totius mundi filia Philosophia in te ipso est; nondum fortasse figurata, sed genitori mundo qualis erat in principio infirmi similis. Faciendum ergo tibi est, quod faciunt statuarii qui materiam exculpentes supervacaneam, imaginem non faciunt, sed inveniunt. Vel imitare creationem. Super abyssum cogitationum experimentorumque tuorum confusam (si philosophiæ operam seriam daturus sis) superferatur ratio tua. Confusa discutienda, distinguenda, et suis quæque signata nominibus ordinanda sunt, id est, methodo opus est ipsarum rerum creationi congrua. Creandi autem ordo erat, *lux, noctis et diei distinctio, expansum, luminaria, sensibilia, homo*. Deinde post creationem, *mandatum*. Contemplandi ergo ordo erit *ratio, definitio, spatium, astra, qualitas sensibilis, homo*. Deinde adulto homine, *civis*. In prima ergo sectionis hujus parte quæ *Logica* inscribitur, accendo lucem rationis. In secunda,

AO LEITOR

Não creia, amigo leitor, que a filosofia cujos elementos me proponho aqui a ordenar seja aquela pela qual se fazem pedras filosóficas, nem aquela que se ostenta nos códices metafísicos, mas sim a natural razão humana percorrendo diligentemente todas as coisas criadas e relatando o que for verdadeiro acerca de sua ordem, suas causas e seus efeitos. Logo, filha de teu espírito e de todo o Mundo, a Filosofia está em ti mesmo, talvez não ainda formada, mas informe, tal qual no princípio o seu genitor, o Mundo. Deves, portanto, fazer como os escultores, que, ao esculpirem a matéria sobressalente, não produzem uma imagem, mas a descobrem. Ou imitar a criação e fazer com que tua razão se sobreponha ao abismo confuso de teus pensamentos e experiências (se hás de dedicar-te seriamente ao trabalho da filosofia). As coisas confusas devem ser discutidas, distinguidas, e, cada uma delas tendo sido designada pelo seu nome, ordenadas; isto é, é necessário um método condizente com a criação das próprias coisas. Pois a ordem da criação foi: *luz, distinção entre noite e dia, firmamento, criaturas celestes, criaturas sensíveis, homem*. A seguir, depois da criação, o *mandamento*. Portanto, a ordem da contemplação será: *razão, definição, espaço, astros, qualidades sensíveis, homem*. Depois, o homem adulto, o *cidadão*. Portanto, na primeira parte desta seção, a qual é intitulada *Lógica*, acendo a luz da razão. Na segunda

quæ est Philosophia Prima, rerum communissimarum ideas ad sublationem ambigui et obscuri, definitionibus accuratis inter se distinguo. Tertia pars versatur in expansione spatiorum, id est, in Geometria. Quarta habet motum astrorum, et præterea qualitatem sensibilem. In sectione secunda considerabitur, volente deo, Natura Hominis. In tertia Civis jam ante consideratus est. Hanc ego methodum sequutus sum, qua et tu, si arriserit, uti poteris; non enim commendo tibi mea, sed propono. Quacunque autem methodo usus sis, philosophiam tamen, id est, studium sapientiæ, ob cujus defectum multa nuper mala passi omnes sumus, commendatum tibi valde velim. Nam illi etiam qui divitiis student, sapientiam amant; thesauri enim sui non aliter ipsis placent, quam ut speculum in quo intueri et contemplari possint sapientiam suam. Nec qui ad negotia publica adhiberi amant, aliud quam locum quærunt, in quo sapientiam quam habent explicare possint. Ne voluptuosi quidem philosophiam ob aliam causam negligunt, nisi quod nesciunt quantam perpetuus valentissimusque pulcherrimi mundi cum anima congressus voluptatem sit allaturus. Postremo, etsi ob nihil aliud, tamen (quoniam animus humanus non minus temporis vacui, quam natura vacui loci impatiens est) ne hominibus occupatis importunus, vel male feriatis cum damno tuo accedere a nimio otio coactus sis, qua otium tuum jucunde implere possis, commendo tibi philosophiam. Vale.

THO. HOBBS.

(que é a Filosofia Primeira), distingo entre si as ideias das coisas mais comuns por meio de definições precisas, para eliminar o que é ambíguo e obscuro. A terceira parte versa sobre a expansão dos espaços, isto é, a Geometria. A quarta trata do movimento dos astros e, além disso, das qualidades sensíveis. Na segunda seção, se Deus o permitir, será considerada a natureza do homem. Na terceira, já elaborada, considerou-se o Cidadão. Este é o método que segui, e que tu, se te aprouver, poderás utilizar. Pois não te recomendo o meu, apenas o proponho. Contudo, qualquer que seja o método que empregares, gostaria muito de recomendar-te a filosofia, isto é, o estudo da sabedoria, por falta do qual todos sofremos recentemente muitos males. Pois também os que se dedicam à riqueza amam a sabedoria, já que seu tesouro não lhes apraz senão como um espelho em que podem ver e contemplar sua sabedoria. Nem os que amam se dedicar à vida pública buscam outra coisa senão um lugar no qual possam explicar a sabedoria que possuem. E os voluptuosos não negligenciam a filosofia, a não ser certamente por desconhecerem quanto prazer se obtém pela união eterna e vigorosa deste belíssimo mundo com a alma. Por fim, despeço-me recomendando-te a filosofia se não por outra coisa (porquanto a mente humana tem aversão ao tempo vazio não menos que a natureza ao lugar vazio), para preencheres de maneira prazerosa teu ócio, a fim de não importunares os homens que têm suas ocupações, ou seres forçado, para prejuízo teu, a aproximar-te, por ócio, daqueles que ocupam mal o seu tempo.

T. H.

COMPUTATIO SIVE LOGICA.



CAPUT I.

DE PHILOSOPHIA.

1. Introductio.—2. Philosophiæ definitio explicata.—3. Animi ratiocinatio.—4. Proprietas quid.—5. Quomodo proprietas a generatione derivatur et contra.—6. Philosophiæ Finis.—7. Utilitas.—8. Subjectum.—9. Partes.—10. Epilogus.

1. **VERSARI** mihi inter homines videtur hodie Philosophia, quemadmodum frumentum et vinum fuisse in rerum natura narratur priscis temporibus. Erant enim ab initio rerum vites et spicæ sparsim per agros, sed satio nulla. Itaque glande vivebatur, aut si quis ignotas dubiasve baccas tentare ausus esset, cum detrimento id fecit sanitatis suæ. Similiter, philosophia, id est, *ratio naturalis*, in omni homine innata est; unusquisque enim aliquo usque ratiocinatur, et in rebus aliquibus; verum ubi longa rationum serie opus est, propter rectæ methodi, quasi sationis defectum deviant plerique et evagantur. Ex quo contingit sanioris iudicii vulgo haberi et esse eos, qui quotidiana experientia tanquam glande contenti philosophiam aut abjiciunt, aut non expetunt, quam ii qui opinionibus minime vulgaribus, sed dubiis leviterque

PARS I.
1.
Introductio.

VOL. I.

B

CÁLCULO OU LÓGICA

CAPÍTULO I DA FILOSOFIA

1. Introdução. 2. Definição de Filosofia explicada. 3. Raciocínio da mente. 4. Propriedades, o que são. 5. Como as propriedades derivam da geração e vice-versa. 6. Objetivo da Filosofia. 7. Utilidade da Filosofia. 8. Assunto da Filosofia. 9. Partes da Filosofia. 10. Epílogo.

1. A Filosofia parece-me encontrar-se hoje entre os homens na mesma situação em que se diz que o pão e o vinho existiam nas coisas da natureza nos primeiros tempos. Pois desde o início havia videiras e espigas aqui e acolá nos campos, mas nenhuma sementeira. Assim, vivia-se de bolotas de carvalho; e se alguém tivesse ousado experimentar aquelas bagas desconhecidas e suspeitas, tê-lo-ia feito em detrimento da própria saúde. Da mesma maneira, a Filosofia, isto é, a *razão natural*, é inata em todo homem; pois qualquer um raciocina até certo ponto e acerca de algumas coisas. Mas quando há a necessidade de uma longa série de razões, a maior parte dos homens desvia-se do caminho, e erra por falta de um método correto, como que por falta de sementeira. Daí ocorre que aqueles que se contentam com a experiência cotidiana, como com bolotas de carvalho, e rejeitam a filosofia ou não a buscam, são comumente considerados e são de fato homens de mais juízo do que aqueles que, imbuídos de opiniões pouco vulgares, mas duvidosas e assumidas levianamente,

PARS I.

1.

arreptis imbuti, tanquam parum sani perpetuo disputant, et rixantur. Fateor quidem partem philosophiæ eam, in qua magnitudinum, figurarum-que rationes supputantur, egregie cultam esse. Cæterum quia in reliquis partibus similem operam positam nondum vidi, consilium in eo, quoad potero, philosophiæ universæ pauca et prima elementa, tanquam semina quædam ex quibus pura et vera philosophia paulatim enasci posse videtur explicare.

Quam difficile sit inveteratas, eloquentissimorumque scriptorum autoritate confirmatas opiniones mentibus hominum excutere, non ignoro. Præsertim cum philosophia vera (id est accurata) orationis non modo fucum, sed etiam omnia fere ornamenta ex professo rejiciat; cumque scientiæ omnis fundamenta prima, non modo speciosa non sint, sed etiam humilia, arida, et pene deformia videantur.

Attamen cum sint aliqui certe, quanquam pauci, quos in omni re veritas et rationum firmitudo ipsa per se delectat, paucis illis operam hanc navandam esse censui. Itaque ad institutum venio. Incipiam autem ab ipsa philosophiæ definitione.

Philosophiæ
definitio
explicata.

2. *Philosophia est Effectuum sive Phænomenon ex conceptis eorum Causis seu Generationibus, et rursus Generationum quæ esse possunt, ex cognitis effectibus per rectam ratiocinationem acquisita cognitio.*

Ad quam definitionem intelligendam, considerare oportet primo, Sensionem atque Memoriam rerum, quæ communes homini sunt cum omnibus animantibus, etsi cognitiones sint, tamen quia datæ sunt statim a natura, non ratiocinando acquisitæ, non esse philosophiam.

estão sempre discutindo e brigando, como homens de pouco juízo. Admito, na verdade, que a parte da filosofia pela qual se extraem razões de grandezas e figuras está admiravelmente cultivada. Mas como não observei o mesmo trabalho nas outras partes, tomei a iniciativa de explicar, tanto quanto estiver a meu alcance, os poucos e primeiros elementos da filosofia em geral, à guisa de certas sementes das quais parece que a pura e verdadeira filosofia poderia aos poucos brotar.

Não ignoro o quão difícil é expurgar dos espíritos dos homens as opiniões inveteradas e confirmadas pela autoridade dos mais eloquentes escritores; especialmente visto que a filosofia verdadeira (isto é, acurada) declaradamente retira do discurso não apenas o verniz, mas também quase todos os ornamentos; e que os primeiros fundamentos de toda ciência não apenas não são belos, mas também parecem simplórios, áridos e quase deformados.

No entanto, visto que certamente há homens, embora poucos, que em todas as coisas se deliciam com a verdade e com a própria firmeza da razão, considere que esta obra devesse ser executada para aqueles poucos. Passo, assim, ao assunto. E começo pela própria definição de filosofia.

2. A filosofia é o conhecimento adquirido pelo reto raciocínio dos Efeitos ou Fenômenos, a partir da concepção de suas Causas ou Gerações; e, inversamente, de quais podem ser as Gerações a partir dos efeitos conhecidos.

Para compreender essa definição, convém considerar em primeiro lugar que a Sensação e a Memória das coisas, que são comuns aos homens e a todos os seres animados, embora sejam conhecimento, como nos foram dadas imediatamente pela natureza e não foram adquiridas pelo raciocínio, não são, contudo, filosofia.

Secundo cum Experientia nihil aliud sit quam memoria; Prudentia autem sive prospectus in futurum, aliud non sit quam expectatio rerum similium iis rebus quas jam experti sumus; nec prudentiam quidem philosophiam esse censendum est.

PARS I.

1.

Per ratiocinationem autem intelligo computationem. Computare vero est *plurium rerum simul additarum summam colligere, vel una re ab alia detracta, cognoscere residuum*. Ratiocinari igitur idem est quod *addere* et *subtrahere*, vel si quis adjungat his *multiplicare* et *dividere*, non abnuam, cum *multiplicatio* idem sit quod æqualium *additio*, *divisio* quod æqualium quoties fieri potest *abstractio*. Recidit itaque ratiocinatio omnis ad duas operationes animi, *additionem* et *substructionem*.

3. Quomodo autem animo, sine verbis tacita cogitatione ratiocinando addere et subtrahere solemus uno aut altero exemplo ostendendum est. Si quis ergo e longinquo aliquid obscure videat, etsi nulla sint imposita vocabula, habet tamen ejus rei ideam eandem propter quam impositis nunc vocabulis dicit eam rem esse *corpus*. Postquam autem propius accesserit, videritque eandem rem certo quodam modo nunc uno, nunc alio in loco esse, habebit ejusdem ideam novam, propter quam nunc talem rem *animatam* vocat. Postremo cum stans in proximo figuram ejus videat, vocem audiat, aliasque res quæ signa sunt animi rationalis perspiciat, habet quoque ideam tertiam, etiamsi nomen ejus nullum adhuc fuerit; eandem scilicet propter quam dicimus aliquid esse *rationale*. Denique quando totam rem ut unam plene jam et

Animi
Ratiocinatio.

B 2